

# Interlúdio

Diogo Soares de Oliveira

Resenha de Christopher Bollas, *Segure-os antes que caiam*, São Paulo, Nós, 2024.

*Segure-os antes que caiam* ganhou sua primeira edição brasileira em 2024, pela editora Nós, e coloca questões importantes à psicanálise contemporânea. Quando originalmente lançado em 2013, Christopher Bollas já era um psicanalista reconhecido, com uma série de livros publicados e, no entanto, o autor escolheu manter os desdobramentos da técnica e do manejo freudianos descritos em *Segure-os* fora do domínio público por mais de trinta anos. Esse largo intervalo até a publicação nos ajuda a compreender um aspecto central do livro: a relação precisa com o tempo no atendimento de pacientes à beira de um colapso.

## O colapso

Desde seus primeiros anos de prática na década de 1970, Bollas observara em alguns pacientes não psicóticos sinais de descompensação psíquica súbita ou gradual – alterações no desempenho funcional, na memória, na fala, postura corporal, no grau de angústia – nos ambientes institucionais em que se encontravam, assim como em seu consultório. Essa observação ao longo do

tempo rendeu ajustes no modo como o psicanalista passou a lidar com pacientes à beira do colapso: extensão do tempo das sessões, em alguns casos em sessões de dia inteiro por alguns dias seguidos e organização de equipe de apoio ao par analítico – psiquiatras, assistentes sociais, motoristas, amigos, familiares. Essa intensificação do cuidado, proporcional à gravidade dos casos e seus desdobramentos clínicos, por sua vez, gerou diretrizes para os ajustes técnicos e teóricos.

Bollas percebeu desde o início da sua prática o potencial generativo dos colapsos, isto é, o potencial de transformação no funcionamento psíquico em que estão mergulhados os colapsos, se enfrentados a tempo, em análises estendidas. Trata-se da passagem possível do *breakdown* ao *breakthrough*, da crise ao seu atravessamento. O autor observou ainda sobre o *timing* do colapso: pessoas não atendidas a tempo eventualmente perdem a chance da renovação psíquica e se tornam *selves colapsados*, uma condição potencialmente crônica, com pouca chance de resolução clínica.

*Segure-os antes que caiam* surge, portanto, de alguns compromissos assumidos pelo autor: a psicanálise é o tratamento indicado para pacientes à beira do colapso, quando a vulnerabilidade extrema do paciente pode permitir aberturas inéditas à compreensão do seu funcionamento e às articulações entre os acontecimentos passados-presentes-futuros que o constituem. Outro compromisso é com o aproveitamento do potencial criativo do próprio colapso, o enfrentamento (*breakthrough*) da severidade da crise com intensidade terapêutica proporcional, em sessões de dias inteiros seguidos ou outra estratégia da psicanálise ajustada à urgência dos casos. Sobre a proposição da psicanálise do colapso, diz Bollas:

Este livro é, ao mesmo tempo, um relato sobre algumas das dimensões clínicas envolvidas na prática da análise estendida e uma discussão das considerações teóricas. Ele procura esboçar o desenvolvimento de minha adaptação a essas realidades clínicas de tal forma que o leitor, assim espero, veja a lógica da técnica em implementação e suas implicações para a prática e estudos subsequentes (p. 37).

**Diogo Soares de Oliveira** é psicanalista em formação pelo Instituto Sedes Sapientiae.

DOI: 10.70048/percurso.72.133-134

## A inteligência da forma

Que tipo de bússola sensível Bollas propõe para perceber que um colapso está para acontecer? Que estado vibratório de atenção suspensa possibilita a percepção dos sinais de que a descompensação está a caminho? Afinado à tradição freudiana, Bollas mantém a postura comedida do analista para que as associações livres e movimentos de caráter possam existir, isto é, para que o idioma pessoal se expresse livremente.

Neste contexto *inter* formal, o inconsciente do analista se comunica com o inconsciente do paciente, o que permite a percepção das mudanças sutis no seu idioma pessoal. Uma vez detectadas as alterações idiomáticas em direção ao colapso, a postura do analista se transforma: a postura terapêutica se intensifica, e a informação ganha importância diante do afeto. A partir daí, a maneira – a forma – como se apresentam as mudanças no *setting* por vir é fundante: a explicação lúcida sobre o que está acontecendo, um contorno espaço-temporal claro para o acolhimento profissional estendido, as bases para uma aliança terapêutica ajustada. Sobre as diretrizes para uma psicanálise intensificada, diz Bollas:

[...] esse momento envolve uma combinação de cuidados maternos e estrutura paterna. O analista deve equilibrar a provisão de um ambiente acolhedor que permita e contenha uma regressão profunda, mas deve, ao mesmo tempo, trazer elementos paternos estruturantes que contribuem para a recuperação do paciente (p. 92).

## Antes que caiam

Em tempos de mania diagnóstica dos manuais DSM, do número crescente de usuários de medicamentos psicotrópicos e da vasta oferta de terapias comportamentais baseadas em evidências pontuais ganhando a confiança do público, Bollas oferece em livro o que acredita serem alternativas à lógica manicomial anestésica em curso, intra e extra muros. Sua fé no método, na invenção do par analítico e na sua plasticidade acompanha a maleabilidade formal dos *selves* que, ao atravessarem condições de colapso em análise estendida, se expandem em nome da vida.

Em tempo, o conhecido-não-pensado pode vir a ser.